

NEGÓCIOS E MULHERES: O PODER DO DISCURSO CONVINCENTE, NO CONTO “VENTURAS E DESVENTURAS DO CAIXEIRO-VIAJANTE EZEQUIAS VANDERLEI LINS, SEU QUEQUÉ PARA OS ÍNTIMOS”, DE JOSÉ CONDÉ

Edson Tavares Costa

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB - edsontavares5@hotmail.com

RESUMO

O escritor José Condé publicou, em 1966, *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (Cerveja, Sanfona e Amor)*, um livro de contos que ainda mais solidificou a maturidade literária do autor do clássico romance *Terra de Caruaru*, saído seis anos antes. Nesta coletânea de histórias curtas, será destacada a narrativa de abertura, “Aventuras e desventuras do caixeiro-viajante Ezequias Wanderlei Lins, seu Quequé para os íntimos”. Trata-se da história de um sedutor caixeiro-viajante, de reconhecido poder de persuasão pela fala, que conseguia vender sua mercadoria com a facilidade com que conquistava mulheres, tendo montado casa para três, em três cidades de três Estados diferentes: Caruaru-PE, Penedo-AL e Estância-SE. O objetivo deste artigo é refletir sobre o discurso de *seu Quequé*, na consecução dos seus intentos; do narrador, na condução da narrativa; do autor, na opção léxica e estrutural do conto. Para isso, nos utilizaremos principalmente das reflexões de Michel Foucault (2008) a respeito da relação entre discurso e poder, bem como nos aproximaremos de alguns teóricos que trabalham com a questão de gênero, uma vez que o discurso analisado o será em função da relação estabelecida entre um homem e suas três mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Persuasão, Poder.

Introdução

As palavras estão grávidas de significados, sistema semiótico que é, e a serviço do enunciador; este, com mais ou menos habilidade, consegue, através de seu discurso, apresentar sua vontade de verdade, que tem o poder de influir sobre o ouvinte, extraindo deste um comportamento determinado.

Ao lermos uma obra literária, deparamo-nos com uma multiplicidade de discursos, produzidos sempre com uma intencionalidade, velada ou explícita, em função de um objetivo do enunciador.

Na obra de ficção, temos a presença de vários discursos, que podem ser analisados, com o intuito de serem apontadas essas vontades de verdade do sujeito. Poderíamos citar, como discursos passíveis de análise, o do personagem, o do narrador e o do próprio autor.

Assim pretendemos fazer, ao nos debruçarmos sobre um conto do escritor pernambucano José Condé, que abre o livro *Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas (cerveja, sanfona e amor)*. O título da história é “Venturas e desventuras do caixeiro-viajante Ezequias Vanderlei Lins, seu Quequé para os íntimos”. Conta as peripécias do caixeiro-viajante que intitula o texto, casado com três mulheres e pai de filhos das três: uma em Caruaru-PE, outra em Penedo-AL, a terceira em Estância-SE. Sua condição de viajante permite-lhe passar dias e dias fora de casa, oportunidade em que se encontra ora na casa de uma, ora na casa de outra companheira. Cada uma das três mulheres – Eleuzina, Santinha e Nicinha – possui temperamento distinto; vivem em contextos sociais também específicos, aos quais o protagonista se adapta de maneira admirável, usando com bastante competência a *lábria* característica. Seja para vender tecidos, seja para conquistar e ludibriar cada uma das mulheres, seja para se fazer respeitado e admirado por todos, o personagem utiliza-se de um discurso competente, que lhe garante sucesso em suas empreitadas.

É nosso intento, neste artigo, refletir sobre o discurso de *seu Quequé*, na consecução dos seus intentos; do narrador, na condução da narrativa; do autor, na opção léxica e estrutural do conto. Para isso, nos utilizaremos principalmente das reflexões de Michel Foucault a respeito da relação entre discurso e poder, bem como nos aproximaremos de alguns teóricos que trabalham com a questão de gênero, uma vez que o discurso analisado o será em função da relação estabelecida entre um homem e suas três mulheres.

O discurso

O personagem Ezequias Vanderlei Lins domina as formas de articulação do discurso; não é por outra razão que ele se transformou no melhor vendedor da firma Oliveira & Rodrigues, para a qual trabalha: o sucesso de suas vendas está diretamente ligado a sua capacidade argumentativa. Como afirma Koch (2008, p. 17), “por meio do discurso – ação verbal dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões”. Assim age *seu Quequé* para vender seu produto, assim também faz para conquistar as mulheres. A neutralidade, sabe-se, não existe;

todo discurso traz, subjacente, uma ideologia. Destarte, cada frase do personagem, vendendo fazendas, fazendo a corte ou filosofando com os amigos, carrega uma intencionalidade – imperceptível ou não, para o interlocutor, mas nítida para o leitor atento. Essa intencionalidade é o que Foucault (2008) denomina “desejo de verdade”. É interessante refletir, então, que a utilização de uma argumentação convincente nada mais é, primeiramente, que a autoaceitação do que é dito pelo sujeito, como verdade, para que esse desejo de verdade aja sobre o interlocutor, convencendo-o.

É ainda Koch (*op. cit.*, p. 18) que apresenta a dicotomia entre convencer e persuadir. Segundo a teórica, o ato de convencer direciona-se ao intelecto do interlocutor, que aceita o discurso do locutor “através de um raciocínio estritamente lógico”; é o caso das vendas realizadas:

– Tudo de primeira, Ananias.

E tomando um ar sério:

– Este tecido, por exemplo, é o melhor que existe no mercado. Ainda outro dia, no Recife, o deputado Sá Silveira encomendou três peças só para dar de presentes. Estampado fino e barato. Aliás, a você, Ananias, não passo gato por lebre. Quando reconheço que o artigo não é bom, nem me dou ao trabalho de mostrar. Não digo que proceda igualmente com os outros, ah, isso não. Afinal de contas, sou empregado de confiança de Oliveira & Rodrigues e minha obrigação é vender tudo que eles têm em estoque.

Fez uma pausa, olhou dentro dos olhos do gerente:

– Mas com você eu jamais faria uma safadeza. (CONDÉ, 1973, p. 54-55)

Não se deve pensar, entretanto, que apenas a razão é tocada, quando de uma relação de negócios – desde há muito, uma das regras básicas da venda é oferecer não somente um produto, uma mercadoria, mas o prazer, o sonho, o desejo que aquele produto representa para o comprador, e que foi despertado pelo vendedor. No presente caso, é a cumplicidade sugerida através das palavras, escolhidas cuidadosamente, e principalmente através dos gestos (ar sério e olhos nos olhos do gerente) que acaba por convencer definitivamente o comprador, e eis nosso herói no poder da situação, poder conseguido basicamente no campo discursivo.

Por outro lado, o ato de persuasão é eminentemente sentimental: busca-se o convencimento do interlocutor através do despertar ou do provocar de sua vontade. É o que acontece no momento da conquista amorosa. Examinemos o trecho em que se dá a conquista da amante Dasdores, no momento em que ela o leva até o quarto do hotel em que se hospedará:

O caixeiro-viajante seguiu-a, olhos fixos nas ancas bem feitas.

– Este aqui – mostrou ela, ao chegarem ao fim do corredor.

- Me serve.
 E sorrindo:
 – Aliás, parece que vou gostar daqui.
 (...)

 – O senhor não quer lavar o rosto?
 Apanhando a toalha, Quequé aproveitou a ocasião para apertar com força a mão que lhe era estendida.
 – Seu nome?
 – Dasdores.
 – Você é bonitinha, Dasdores.
 (...)

 Dasdores estava trazendo a terrina de feijão. Percebendo que os olhos dele pareciam querer devorá-la, baixou os seus. (...) E ao vê-la aproximar-se, não se conteve:
 – Vamos dar uma voltinha por aí, mais tarde?
 Ela não respondeu, tornou à cozinha, de onde, a seguir, voltou, para dizer:
 – O macarrão acabou. O senhor quer ovos estrelados?
 – Quero dar um passeio com você.
 Ela, entre dentes:
 – Fale baixo; mãe pode ouvir.
 (...)

 – Espero você no matagal, atrás do hotel, tá bem?
 Dasdores retirou-se. Mas ao trazer o café, mal entreabindo os lábios, confirmou:
 – Ao pé do mamoeiro. (*op. cit.*, p. 64-66)

Fica claro, nestes diálogos, que o personagem age premeditadamente, utilizando de todos os meios acessórios (o sorriso, o apertar a mão, o seguir com os olhos) para reforçar o discurso verbal, quando este se faz imperioso. E trata-se mesmo de uma situação de caça (ele não tirava “a moça da sua alça de mira”), que requer cuidado, atenção e determinação. O poder de convencimento toma conta da “caça”, que se entrega à fala do conquistador. É a vontade de verdade dele fazendo-se verdade na vontade dela.

O ser humano se constitui como sujeito “na e pela linguagem”, como diz Beneviste (*apud* FIORIN, 2001, p. 41). Assim, o ato de enunciação cristaliza o *eu* que fala e o discurso adquire consistência ao incorporar no *aqui* e no *agora* da enunciação o lugar e o tempo do enunciador, que, ao falar, instaura um enunciatário. As relações advindas desse processo configuram o diálogo que se instala, para produzir os tais atos de convencimento e persuasão, e gerar atitudes, o que é, ao final, o objetivo principal de quem fala. Pelo menos era assim que se pensava na Grécia do século VI; “chegou porém o dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado de enunciação, eficaz e justo, para o próprio enunciado: para o seu sentido, a sua forma, o seu objeto, a sua relação à referência” (FOUCAULT, 2008, p. 15). O discurso, em si, adquire ares de autoridade, de poder, de convencimento. Claro que outras questões devem estar presentes, como a capacidade de articulação discursiva do enunciador, sua posição

social, a instituição que lhe dá suporte... Mas, se não houver uma competente articulação do discurso em si, os resultados serão diversos: daí a diferença entre o bem sucedido Ezequias Vanderlei Lins e o invejoso e sempre derrotado Sólon Macedo, caixeiro-viajante, como *seu Quequé*, portanto aparentemente com todas as condições enunciativas deste – excetuando-se, obviamente, a capacidade subjetiva de enunciação de Ezequias.

Outro elemento importante é o contexto, tomado aqui, segundo Hanks (2008, p. 170) “como algo construído pela enunciação, e pela enunciação no curso da conversação”. O caixeiro-viajante vive em três lugares diferentes, com pessoas diferentes e situações também diferentes. Em cada contexto, Ezequias mostra-se de uma forma diversa, e age conforme as exigências daquele contexto social. É notória a confusão quando o personagem confunde os contextos e, por exemplo, troca os nomes dos filhos ou a desesperadora situação quando presenteou a contida Santinha com uma calcinha preta que comprara para a espevitada Eleuzina (CONDÉ, 1973, p. 50-51). Entretanto, é necessário perceber que o contexto aqui é criado pelo próprio Ezequias, que, em cada lugar onde reside suas três esposas, forjou uma personalidade específica, construindo, assim, o contexto adequado a cada situação.

O personagem

Como já tivemos a oportunidade de frisar, este conto de José Condé é a história do caixeiro-viajante Ezequias Lins, que, no final dos anos 20 do século XX, utilizando-se de sua facilidade de comunicação e convencimento, e aproveitando-se do fato de viver em constantes viagens a trabalho, vendendo tecidos em várias cidades do Nordeste, que lhe proporcionavam ausências relativamente prolongadas, constituiu família em três cidades (Caruaru-PE, Penedo-AL e Estância-SE), com três mulheres bastante diferentes entre si (Eleuzina, Santinha e Nicinha), tendo filhos com as três (quatro com a primeira; dois meninos com a segunda, mais três enteadas, filhas do primeiro casamento desta; e um com a terceira).

Em Caruaru, Ezequias apresenta-se como um *bon-vivant*, excelente companheiro de noitadas, com bebedeiras e prostitutas, na Pensão Riso da Noite. Aqui, a primeira esposa, Eleuzina, preenche os requisitos que completam o comportamento de Ezequias:

Grande companheira. Mulher de fibra estava ali: na direção dos negócios da casa e na educação dos filhos. Também na cama. E, ainda, sabendo virar o copo com categoria de macho. Nenhuma outra que dançasse um maxixe ou varasse noite de boêmia sem demonstrar o menor enfado. (CONDÉ, 1973, p. 30)

Não há como não perceber a forte carga machista, na forma como o contexto é construído, procurando o autor delimitar nitidamente o que é *coisa de homem e coisa de mulher*, sendo a boemia, o beber, o comportamento noctívago uma “categoria de macho”. A associação de Eleuzina a tais características aproxima-a do ser masculino, mas sem perder as referências femininas, o que, decerto, atraiu o protagonista. A forma e o local como Ezequias a conhece, e a conquista, demonstra a capacidade de percepção do caixeiro em relação às possibilidades que tinha de fazer um “bom negócio”, de *se dar bem* na conquista. Conheceram-se num baile de carnaval, e

apesar da música ensurdecadora do frevo e dos empurrões que levavam, Quequé, sem perda de tempo, improvisou versos de amor aos ouvidos de Eleuzina. (...) Agradecida, Eleuzina ofereceu-lhe a boca para o primeiro beijo. Mês depois estavam casados. Mas somente no civil. Ezequias Vanderlei Lins, livre-pensador e adepto da maçonaria, não gostava de padre e considerava a religião o ópio da humanidade. (idem).

Bem diverso foi o primeiro contato com a jovem e bonita viúva Santinha, que, aos 20 anos perdera o marido, a quem amava muito, o que a fizera recolher-se em luto fechado por um ano. Diante da insistência de amigas, compareceu a uma festa de casamento, onde se deu o primeiro contato com Ezequias:

Súbito, viu diante de si um homem alto, forte, bem vestido, sorrindo com todos os dentes:
 – Quer me dar o prazer desta contradança?
 O susto foi maior do que a surpresa. Santinha queria correr e não podia; gritar, e a garganta lhe sufocava as palavras. O cavalheiro, longe de perceber seu desespero, ergueu-a, com polidez.
 E saíram para dançar a valsa.
 Ao passarem pela segunda vez diante do sofá onde estavam os noivos, o homem alto e forte, de dentes bonitos, perfumado, declinou o nome:
 – Ezequias Vanderlei Lins, caixeiro-viajante.
 Acrescentou, largando-a por um instante, para fazer leve curvatura:
 – Quequé, um seu criado.
 Três meses mais tarde, na matriz de Penedo, recebiam do Pe. Júlio os sacramentos do matrimônio.” (*op. cit.*, p. 46-7)

Podemos observar dois objetivos diferentes, a exigir comportamentos diversos. Apesar de conhecerem-se em festas, as características de agitação da primeira – o carnaval – serve para contextualizar de forma mais adequada Eleuzina. Como dissemos, o ambiente de balbúrdia sugerido pelo narrador dá a medida exata da mulher que o caixeiro cobiçava; daí que alguns versos gritados em meio ao frevo e aos empurrões foram a senha exata para o beijo como retribuição e o casamento um mês depois. Foi também numa festa, esta bem mais comportada, festa de casamento, que Ezequias conheceu a recatada Santinha, a exigir,

portanto, um também recato e certo requinte nas palavras, um cuidado maior – embora firme – na abordagem. E três meses depois estavam casados.

Não podemos deixar passar despercebido que, enquanto o casamento com Eleuzina foi somente no civil, pois Ezequias mostrava-se avesso à religião e a padres, adequando-se, assim, ao comportamento de livre-pensador que dele esperavam os que com ele conviviam em Caruaru, o matrimônio com Santinha deu-se na igreja matriz, sob as bênçãos do padre Júlio, porque, em Penedo, Ezequias era tido como temente a Deus, conservador e religioso, amigo do Presidente da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Aliás, comparando-se as amizades de Quequé, nas duas cidades, percebemos claramente essa diferença contextual: em Caruaru, além do Major Sindô, militar reformado e companheiro de noitadas e bebedeiras, havia

(...) Eleutério das Graças, ou melhor, Pé de Bombo, por causa do defeito físico, tocador de violão e cantador de modinhas sentimentais; o farmacêutico Sivuca Xavier, o “curandeiro das carraspanas”, como o chamava Quequé; a solteirona Etelvina, feiosa, que quase não falava, possuindo apenas como prenda a habilidade de fazer point-à-jour, mas louca por uma serenata, se babando toda quando ouvia Ezequias declamar versos de Catulo da Paixão Cearense; Arlindo Soares, “o maior orador vivo da cidade”, figura destacada da União Caixeiral; e o clarinetista Barbosinha, da Banda Musical Nova Euterpe – gente boa e honesta, amiga da arte e também do copo. (*op. cit.*, p. 31-32)

Como vemos, os companheiros do protagonista, em Caruaru, giravam em torno de um ambiente festivo, carnavalesco, na concepção de Bakhtin (1981), configurando o contexto adequado ao comportamento do personagem nessa cidade. Já as amizades de Ezequias em Penedo eram

O juiz de direito, dr. Saturnino, homem íntegro, um poço de virtudes; cel. Vilanova, tradicional fazendeiro da região, chefe político influente e amigo pessoal do Governador do Estado; o farmacêutico Quinquim de Sales d’A Nacional, de velha família de criadores de gado e plantadores de arroz, além de presidente da Irmandade do Santíssimo Sacramento; o advogado Prudenciano Angustura, expoente do Grêmio Literário e Recreativo Tobias Barreto, cuja fama de orador inflamado corria por todo o interior alagoano. (CONDÉ, 1973, p. 48)

Percebemos, pois, as devidas adequações de Ezequias a cada um dos contextos a que pertencia. Enquanto todas as amizades dele em Caruaru giravam em torno das farras que frequentava, com ou sem a esposa, os amigos em Penedo tinham, todos, uma aura de conservadorismo, ou uma cosmovisão hierárquica extracarnavalesca (BAKHTIN, 1981, p. 105), adequada ao seu próprio comportamento na cidade. É interessante observar que a

coincidência de ter amigos farmacêuticos nas duas cidades acaba no ofício, pois enquanto um era “curandeiro de carraspanas”, o outro era presidente da Irmandade do Santíssimo – denotando claramente o quanto viviam em mundos diferentes.

Poeta e declamador, Ezequias também adéqua seu discurso poético às circunstâncias e lugares. Enquanto em Caruaru utiliza-o para conquistar Eleuzina, em Penedo usa como tema os filhos e as belezas naturais do Brasil. Em Caruaru, Ezequias é boêmio frequente, que não precisava de pretextos para uma farra; em Penedo, é caseiro, “de hábitos simples, rigidez de princípios” (CONDÉ, 1973 p. 47). Em Caruaru, “Quequé quase acabou com o estoque de cervejas da Pastelaria Lusitana” (*op. cit.*, p. 35); em Penedo, observemos o diálogo, em que o protagonista chega ao cinismo mais deslavado: “Prudenciano franziu a cara: – Você não bebe nunca, Quequé. Está sempre arranjando pretexto para recusar um copo. O caixeiro-viajante, sem encarar o outro: – Álcool não me faz bem.” (*op. cit.*, p. 53).

São exemplos evidentes da dualidade de contextos em que o protagonista vivia, a exigir-lhe também uma dualidade comportamental, que se exprimia através do discurso adequado a cada situação. Ou, dizendo de outra forma, o dúbio discurso de Quequé gerava também dúbios contextos, porque estes seriam frutos da enunciação, como dito acima.

A terceira esposa, e o conseqüente terceiro contexto, foge desses dois, em analogia. A idade de Nicinha, vinte anos mais moça que ele, a inquietante amizade dela com o compadre, padrinho do único filho deles, o próprio comportamento agitado, infantil da esposa, tudo isso forjava um Quequé diferente, sem as características do boêmio caruaruense e sem o conservadorismo do cidadão penedense; aqui, Ezequias é inseguro, ciumento, violento, desconfiado. Talvez pelo fato de a estratégia das viagens, que lhe permite ter três mulheres em três Estados diferentes, permitir também a Nicinha manter um caso amoroso com o compadre Lula, que, “além de ser mais moço que ele, Quequé, uns seis anos, era bonitão, tinha uma maneira de falar que despertava o interesse das mulheres.” (*op. cit.*, p. 77). Ou seja, consciente do poder de convencimento e sedução que tem o discurso, Ezequias vê ameaçado seu casamento por alguém que também sabe utilizar as palavras de forma persuasiva. Bem diferente de Sólon Macedo, que não lhe causava maiores preocupações, pois sabia-lhe das deficiências nessa área: além de feio fisicamente, não era bom vendedor nem conquistador de mulheres porque faltava-lhe um discurso sedutor.

No entanto, foi Sólon que acabou com a vida *trígama* de Quequé, ao denunciá-lo à Justiça. A ausência de competência discursiva do antagonista foi substituída pelo discurso que

busca a vontade de verdade no ritual jurídico. Sólon sabia que somente nesse campo venceria o concorrente, como de fato aconteceu. Ezequias foi preso, julgado e condenado pelo crime de bigamia, embora o final não poderia ser menos adequado aos propósitos do autor, no decorrer do texto: Quequé é perdoado pelas três mulheres, que continuam a viver com ele, como se nada tivesse acontecido, somente que, agora, cada uma sabendo das outras.

O narrador

Diz-se correntemente que o homem *perde-se* pelos olhos e a mulher pelos ouvidos. Descontada a forte carga ideológica que tal afirmação carrega, podemos localizar essa situação na maioria dos relacionamentos. O homem *escolhe* sua presa, seu objeto de desejo pelo que a aparência se lhe apresenta. E parte para a conquista, que se dá, essencialmente, pela fala, pelo discurso, cuidadosamente arquitetado para minar as possíveis estruturas de resistência da mulher. Esta, por sua vez, parece que se deixa levar mais facilmente pela *lábria* masculina que por qualquer outra coisa.

Na verdade, *desde que o mundo é mundo* (outra fala corrente popular), tem sido assim. Poucos se questionam a razão, e cada vez mais a situação se repete. Homens tratam mulheres da mesma forma que fazem um negócio – tradicional atividade masculina. Homens se encantam pela mercadoria, sondam-na, e partem para um infundável discurso de convencimento, no intuito de fechar o negócio da forma que lhe parecer mais vantajosa. A mulher está no mesmo patamar das mercadorias cobiçadas pelo homem. Com diferenças, evidentemente, mas não tão determinantes que façam essas duas coisas efetivamente diferentes. A principal divergência: no caso da conquista amorosa, a mulher é, ao mesmo tempo, mercadoria e proprietária da mercadoria. Daí que o discurso precisa ser muito mais elaborado, a condição de convencimento precisa ser mais intensa por parte do homem-comprador, porque o *dono* do objeto em questão é também o próprio objeto de desejo.

Por mais estranheza, irritação ou perplexidade que tais afirmações possam causar em alguém, e de fato causam, são nada mais que simples constatações. Que se tornam mais enfáticas e verdadeiras na medida em que voltamos no tempo, quando encontramos cada vez menos valorizada a mulher enquanto ser humano e mais à mercê do discurso masculino.

E estamos no final da década de 20, no século passado. A história de *seu Quequé*, mais do que provocar a sadia e necessária revolta em feministas de plantão, é a constatação da

força do discurso enquanto construção do sujeito que o produz. E falamos aqui no discurso óbvio do personagem Ezequias, mas também no discurso resultante do acordo tácito entre narrador e autor, que redundava numa sutil conquista do leitor: este passa a, aos poucos, admirar aquele elegante, jovial e simpático caixeiro-viajante, a refletir, em si, as características que muitos dos leitores trazem, escondidas, na vontade mais secreta de ser.

O discurso presente nos três, personagem, narrador e autor, faz-se tão competente, que o leitor elege Ezequias como seu modelo de herói, e passa a torcer para que tudo dê certo em suas peripécias entre as três cidades nas quais mantém família; cobre-se de ódio pelo asqueroso Sólon Macedo (não por acaso aqui pintado com todas as tintas de feiura e canalhice, como produto daquele “acordo tácito” narrador-autor) e vibra com a surra que o *trígamo* lhe aplicou, e que terminou sendo a gota que entornou o caldo e levou Ezequias a dar com os costados na cadeia; mas também o leitor torce o tempo todo pela absolvição do criminoso, e fica feliz com a *volta ao normal* com as três esposas – até com a Nicinha, que, mais uma vez, fora dormir na casa do compadre, numa clara referência de que tudo está como antes. E mesmo o leitor sendo mulher, ao lado da revolta pela *safadeza* do caixeiro-viajante, vem a quase imperceptível curiosidade de saber o que tem aquele homem em sua fala, em seu discurso, que consegue conquistar mulheres com a mesma facilidade com que vende fazendas.

Considerações finais

Baudrillard (1991, p. 149) afirma que “não existe na sedução um sujeito dono de uma estratégia, e esta, mesmo quando se desdobra na plena consciência de seus meios, ainda está submetida a uma regra do jogo que a ultrapassa”. Parece pertinente. Como toda atividade de *caça*, a sedução guarda não raro um inusitado, um inesperado movimento, que nem sempre está nos planos do sedutor, a frustrar-lhe as estratégias mais bem *maquinadas*.

Mas o bom *caçador* não se abate ante a impossibilidade momentânea de abate da *caça*, e se esmera nos meios utilizados até então, reforçando-os ou dando-lhes guinadas estratégicas, para conseguir seu intento. O nosso personagem, Quequé, é desses que sabem do poder de persuasão que carregam suas palavras, seja vendendo tecidos, seja conquistando mulheres; utiliza-se do discurso com uma competência rara, e que lhe garante a conquista, nos dois campos.

O autor, José Condé, por sua vez, dono de um discurso também privilegiado, seduz, conquista o leitor, através da fala de seu narrador, ao contar as peripécias do protagonista. Os dois, autor e narrador, mostram-se de tal forma competentes no seu intento de conquista, que constroem um herói como poucos, aos olhos do leitor. E, ao final, todos se rendem ao simpático vendedor de tecidos, e penetram na intimidade de Ezequias Vanderlei Lins, *seu Quequé* para os íntimos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Trad. de Tânia Pellegrini. Campinas-SP: Papirus, 1991.
- CONDÉ, José. Venturas e desventuras do caixeiro-viajante Ezequias Vanderlei Lins, seu *Quequé* para os íntimos. In: _____. **Pensão Riso da Noite**: Rua das Mágoas (Cerveja, sanfona e amor). São Paulo: Civilização Brasileira, 1973, p. 25-93
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação**. As categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- HANKS, William F. **Língua como poético social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Trad. de Anna Christina Bentes et. all. São Paulo: Cortez, 2008
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008